

ALÉM DO OLHAR: A ATUAÇÃO DE DORINA NOWILL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA CEGOS

Jammerson Yuri da Silva¹
Arthur Cassio de Oliveira Vieira²

RESUMO

Este trabalho encontra-se na interface entre a História da Educação, História dos Intelectuais e a Educação Inclusiva, visando apresentar a figura de Dorina Nowill e suas contribuições para a inclusão de pessoas com deficiência visual nos processos de ensino-aprendizagem. Tomamos como base as discussões de Michel de Certeau sobre o lugar de fala, a prática e a escrita. De tal modo, apresentamos primeiramente uma biografia de Nowill. Em um segundo momento, abordamos a importância do trabalho da intelectual para a promoção da inclusão de pessoas com deficiência visual nos espaços escolares, em que realizamos um diálogo com Romeu Sasaki, acerca do ideal de educação inclusiva e as práticas pedagógicas promovidas e possibilitadas pelo trabalho de Dorina Nowill. Pontuamos também a atuação da intelectual, compreendida aqui como uma criadora e uma mediadora cultural, de acordo com Jean-François Sirinelli. Por fim, analisamos a importância da Fundação Dorina Nowill para Cegos em ações de promoção e democratização do acesso à educação, dialogando com Justino Magalhães e Roger Chartier. Por meio da coleta e análise documental e bibliográfica sobre a vida e o trabalho de Dorina, esta pesquisa demonstra a necessidade de maiores conhecimentos sobre a realidade dos cegos e nos convida, no centenário da intelectual estudada, a lançar um olhar mais sensível sobre o ensino inclusivo no Brasil.

Palavras-chave: Dorina Nowill; Educação; História da Educação; Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

As práticas inclusivas de ensino têm ganhado cada vez mais espaço nas discussões pedagógicas e debates metodológicos dentro e fora dos ambientes escolares. Muitos intelectuais contribuíram para a implementação e consolidação de políticas educacionais que atendam às subjetividades dos portadores de necessidades especiais. Neste contexto, destaca-se a figura de Dorina de Gouvêa Nowill, intelectual brasileira atuante na luta pela educação para cegos.

Ao trabalharmos com a História Intelectual, buscamos aqui fugir de determinismos que se apresentem enquanto fatores condicionantes da atuação de um sujeito, ou mesmo uma espécie de iluminação particular e descontextualizada de um indivíduo com capacidades

¹ Pedagogo. Psicopedagogo. Professor de educação especial da rede estadual de educação do Rio Grande do Norte. jammerson_yuri@hotmail.com.

² Professor. Mestre em História e Doutorando do PPGED – UFRN. arthur_cassio@yahoo.com.br.

cognitivas especiais. Buscamos, pelo contrário, compreender as relações intrínsecas à atuação de Dorina Nowill e suas conquistas. Estes aspectos perpassam deste a sua subjetividade e história pessoal de vida às relações interpessoais e espaços ocupados pela intelectual. De modo em que há uma dupla via de influências que vai da sociedade para o indivíduo e do indivíduo para sociedade.

Este artigo divide-se em três momentos. Primeiramente, apresentamos a biografia de Dorina Nowill. Em um segundo momento discutimos a sua atuação, relacionando-a com as discussões de Michel de Certeau em *A operação historiográfica* e a identificamos como uma criadora e mediadora cultural, de acordo com a compreensão de Jean-François Sirinelli. Por fim, apresentamos a Fundação Dorina Nowill para Cegos como uma instituição cultural e educacional, representação espacial do ideal de educação inclusiva, dialogando com Roger Chartier e Justino Magalhães.

DORINA NOWILL

Dorina de Gouvêa Nowill nasceu em 28 de maio de 1919, na cidade de São Paulo. Filha de Manuel Monteiro de Gouvêa e Dolores Panelli, Dorina teve dois irmãos Amélia, mais velha e Manuel, o caçula. Em 1927 ingressou no Externato Elvira Brandão, onde cursou do primário ao ginásio, formando-se em 1935, em São Paulo. Vitimada por uma doença, sofreu infecção ocular que causou hemorragia e cegueira, aos 17 anos de idade.

Figura 1 – Dorina Nowill



Fonte: <<<https://www.fundacaodorina.org.br/>>>. Acesso em: 13 Ago. 2019.

Foi a primeira mulher com deficiência visual a formar-se professora pela Escola Normal Caetano de Campos, em 1945. Ao longo do curso, desenvolveu com o apoio de colegas um método para promoção de educação de crianças cegas. O projeto teve aprovação do Departamento de Educação do Estado, abrindo caminho para a instalação do I Curso de Especialização de Educação de Cegos na América Latina. Em 1946 criou a Fundação para o Livro do Cego no Brasil (FLCB).

Cursou especialização em ensino para cegos no *Teacher's College* da Universidade de Columbia, em New York, Estados Unidos. Por ocasião de sua estadia fora do Brasil, conheceu o seu esposo Edward Hubert Alexander Nowill, com quem teve cinco filhos, doze netos e dois bisnetos. Ainda nos Estados Unidos, expôs a carência brasileira com relação ao ensino destinado aos cegos, sobretudo, a falta de livros em braille. Isto sensibilizou instituições como a *Kellog's Foundation* e a *American Foundation for Overseas Blind*, que doaram uma imprensa braille completa à Fundação para o Livro do Cego no Brasil, em 1948.

No ano de 1947, aproximou-se do Secretário de Educação, Carlos Pasquale, a quem convenceu a criar o Departamento de Educação Especial para Cegos. Em 1951, assumiu a Presidência da FLCB, onde atuou por mais de 60 anos. Em 1953, passa a ser garantido no Estado de São Paulo o direito à educação inclusiva, através do Decreto Lei 2.287, processo em que sua atuação foi de primeira importância.

Em 1961 foi nomeada pelo presidente da República Jânio da Silva Quadros para dirigir o primeiro órgão Nacional de Educação de Cegos, no Ministério da Educação, Cultura, e Desportos. No ano de 1979 foi eleita Presidente do Conselho Mundial para o Bem Estar dos Cegos na VI Assembleia Geral do Conselho, hoje União Mundial de Cegos, chegando a discursar na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em 1981. Em 1991, a FLCB mudou o seu nome e passou a chamar-se Fundação Dorina Nowill para Cegos, em sua homenagem.

Lançou no ano de 1996, a sua autobiografia intitulada *Venci assim mesmo*, e no ano 2000 tornou-se presidenta emérita e vitalícia da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Dorina Nowill faleceu em São Paulo, aos 91 anos de idade, vítima de uma parada cardíaca, no dia 29 de agosto de 2000. Recebeu em vida e também *post-mortem* uma grande quantidade de honrarias e homenagens, como o título de mulher do ano pelo Clube Paulistano de Senhoras (1966), mestra do ano nas comemorações do Dia do Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1961) e o título de *Women of Distinction Award*, da *Soroptimist Federation of Americas*, no EUA (1970), entre outras tantas premiações.

UMA INTELLECTUAL PELA INCLUSÃO

Segundo Romeu Kazuma Sassaki, inclusão social é definida como um

Processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente, tendo em vista a equiparação de oportunidade e, conseqüentemente, uma sociedade para todos (...). A inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida. (SASSAKI, 1997, p. 167).

Neste sentido, nota-se que não se trata de uma modalidade de ensino exclusiva ou segregadora destinada às pessoas com deficiência e necessidades especiais. Mas sim, uma postura de possibilitar a todos o acesso a educação e ofertá-la de maneira igualitária. No Brasil, as ações de inclusão foram orientadas pelas discussões internacionais, conduzidas pela UNESCO e demais entidades relacionadas à promoção da educação e a igualdade. Destaca-se neste processo a Declaração de Salamanca (1994), que instigava os países a pensar novas formas de possibilitar às pessoas com necessidades especiais o acesso ao ensino regular, bem como capacitar profissionais e desenvolver políticas públicas de acesso e permanência na escola.

Em consonância com essas determinações, a elaboração da Política Nacional de Educação Especial (1994), fortalece uma discussão que se concretiza com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996). Esta dispõe sobre a inclusão de alunos com deficiência e necessidades especiais na escola regular, determinando serviços de apoio especializado, professores capacitados para promover sua integração aos processos de ensinagem, além de currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. Cabe também destaque neste contexto, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) e outras iniciativas legais que regulamentaram o ensino para pessoas com necessidades especiais no ensino regular.

Nota-se, portanto, que todo esse processo de construção e consolidação de políticas públicas para cegos e demais deficientes, se deu através de lutas e conquistas. A participação de intelectuais no processo de conquista de direitos é comum nas sociedades, pelo fato de fazerem parte de uma elite que atua socialmente e comporta-se como criadora e mediadora cultural (Sirinelli, 1998).

De tal modo, enxergamos aqui Dorina como uma pensadora que direciona toda a sua atuação política e educacional no sentido de promover a inclusão de pessoas com cegueira aos processos formativos. Nowill é, portanto, uma criadora de espaços para a discussão acerca da temática da educação inclusiva. À medida que cria, também ocupa esses espaços. É uma mediadora cultural que, ao passo em que busca popularizar e oportunizar o acesso ao braille como ferramenta educativa, torna-se também, ela própria, o veículo de informação da sociedade e de membros da política acerca das demandas e particularidades dos cegos no tocante à educação.

A sua militância e o trabalho que desenvolveu na promoção da igualdade e oportunidade de acesso à educação para cegos não se deu de maneira aleatória. Tais percursos de sua vida pública entrelaçam-se com aspectos de sua vida pessoal. Sua atuação em prol da educação para cegos, relaciona-se diretamente com a sua cegueira. As barreiras enfrentadas por Dorina em seu processo formativo a impulsionaram a lutar pela causa dos cegos, bem como os espaços que ocupou ao longo da vida e as efetivas conquistas para comunidade cega, não se deram de maneira aleatória.

O próprio fato de ter tido acesso à escolarização, à formação superior e à experiências acadêmicas no exterior garantiram a Dorina uma legitimidade e uma posição de autoridade para ser a porta-voz da inclusão educacional para os cegos do Brasil. O seu lugar de fala é, portanto, o de uma intelectual que conquistou espaço através de sua formação, mas também, e sobretudo, pela sua história de vida, reforçando a ideia de uma prática e uma escrita que não se dão de maneira naturalizada, mas sim orientadas pelas suas vivências e subjetividades.

Ao tratarmos da escrita, podemos observar que Dorina também atuou como escritora, produzindo sua autobiografia intitulada *Venci assim mesmo* (1996), em que podemos conhecer a sua trajetória pessoal e profissional. Aproximar-se da vida e obra de Nowill é aproximar-se dos desafios impostos a uma escolarização repleta de subjetividades e demandas específicas, que requerem um olhar especial, humanizado e inclusivo.

A FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS

A Fundação Dorina Nowill para Cegos foi criada em 11 de março de 1946. Inicialmente foi chamada de Fundação para o Livro do Cego no Brasil, tendo como sua primeira presidente

Adelaide Reis Magalhães. O objetivo primordial da Fundação era a produção de livros em braille, a fim de democratizar o acesso a materiais didáticos.

Para além desta perspectiva, havia também a preocupação com o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação e inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade. A instituição funcionou inicialmente em um espaço cedido pela Cruz Vermelha Brasileira, e posteriormente, em duas salas na Rua da Quitanda, número 94, em São Paulo. Atualmente, a instituição funciona na Rua Doutor Diogo de Faria, 558, na Vila Clementino, São Paulo.

Imagem 2 – Fundação Dorina Nowill para Cegos



Fonte: revistadmais.com.br. Acesso em: 13 Ago. 2019.

A Fundação trabalha com a atenção a pessoas cegas e com baixa visão, oferecendo programas gratuitos de reabilitação e produzindo materiais didáticos em braille. Sua principal missão é facilitar a inclusão de crianças, jovens e adultos cegos e com baixa visão nos processos educativos. De tal modo, configura-se como uma instituição de fomento à educação, em suas práticas e representações sociais, pois

A pedagogia institucional não consigna apenas à instituição enquanto espaço físico, caracterizado por uma determinada arquitetura; alarga-se ao grupo e às representações que subjazem aos intervenientes na relação educativa, bem como aos projetos de vida que a relação dos sujeitos com a instituição permitiu realizar e tornar realidade. A identidade dos sujeitos, suas memórias, destinos e projetos, como a memória e a representação da instituição, cruzam-se e

fecundam-se mutuamente enquanto construção histórica. (MAGALHÃES, 2004, p. 66).

Sendo assim, a Fundação Dorina Nowill construiu-se ao longo dos anos, não apenas como um espaço de tratamento e práticas inclusivas, mas também como uma representação (Chartier, 1988) espacial do ideal de educação inclusiva no Brasil. Atuando em prol da democratização educacional, foi e continua sendo um baluarte na promoção do acesso igualitário aos processos de ensino-aprendizagem no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa nos permitiu um aprofundamento maior sobre a vida e a atuação social da intelectual Dorina Nowill, destacando a sua importância na promoção da inclusão de sujeitos com cegueira e baixa visão na educação regular. É possível observar que muito se produziu ao longo dos anos sobre a temática da inclusão, das políticas e legislação educacionais para pessoas com deficiências e necessidades especiais, ou mesmo sobre a história e os projetos da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Porém, pouco se sabe sobre a vida de Nowill e as implicações de suas subjetividades e trajetória pessoal para a conquista de direitos e consolidação de políticas públicas de inclusão.

Enquanto mulher e cega, Dorina rompeu barreiras e conquistou espaços que tradicionalmente lhe seriam negados, e por meio de sua atuação social e política garantiu visibilidade àqueles que durante muito tempo foram excluídos da escolarização. Estudar Nowill não é apenas conhecer uma intelectual em suas relações, mas desenvolver uma sensibilidade que vai além do olhar, comprometendo-se com um ensino democrático e de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva. In.: _____. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.17, p.41-58, Mai-Ago., 2011.

SASSAKI, Romeu Kazuma. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa. p.259-279. 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais in: RÉMOND, René. *Por uma história política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.